

## Para além da infecção

Um em cada três pessoas que têm covid-19 continuará com sintomas, mesmo após a fase aguda. Fadiga é a sequela mais comum, mas estudo descobre diferenças entre pacientes hospitalizados e aqueles com atendimento ambulatorial

» PALOMA OLIVETO

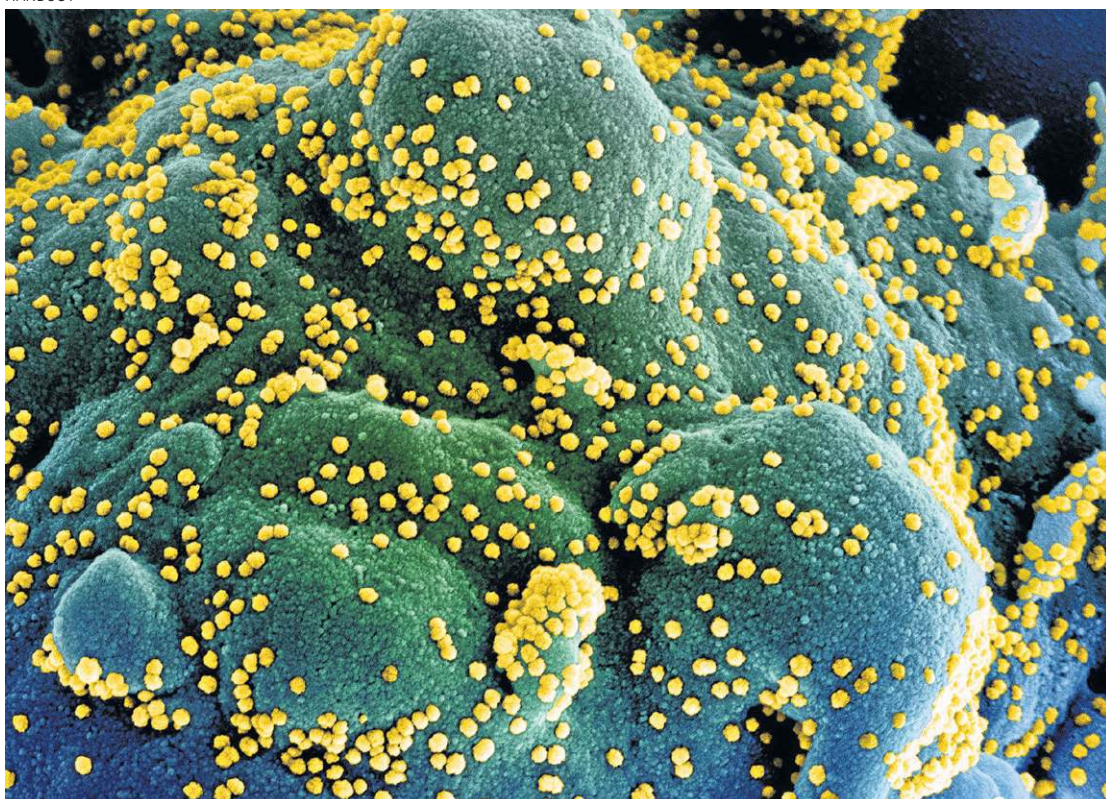
Para 30% dos sobreviventes do Sars-CoV-2, a doença causada por ele não acaba com o fim dos sintomas. Bastante estudada desde os primeiros casos de recuperação da fase aguda, a chamada covid longa caracteriza uma série de condições que acompanham os pacientes mesmo depois de curados da infecção. Havia dúvidas, porém, sobre sua prevalência. Agora, um estudo publicado por pesquisadores da Universidade da Califórnia, em Los Angeles (Ucla), constatou que as sequelas estão presentes em uma de três pessoas afetadas pelo coronavírus.

Segundo Sun Yoo, professor clínico de ciências da saúde na Escola de Medicina David Geffen da Ucla, “a incidência e os fatores de risco da covid longa, e até mesmo a definição da síndrome, permaneceram obscuros ao longo da pandemia”. Por isso, ele se associou a outros pesquisadores para avaliar características como sintomas, prevalência e incidência, em um grupo de 1.038 pacientes de covid-19, dos quais 309 apresentaram consequências persistentes da infecção.

Como esperado, pessoas com histórico de hospitalização, diabetes e índice de massa corporal mais alto eram mais propensas a desenvolver a síndrome. Contudo, para a surpresa dos pesquisadores, características associadas previamente à covid longa e à gravidade da doença, como idade avançada e status socioeconômico, não tiveram relação, neste estudo, com a permanência dos sintomas depois da fase aguda.

Acompanhados por um ambulatório da própria Ucla desde o início da infecção, 30,8% dos pacientes que foram hospitalizados e 26,5% daqueles que receberam

HANDOUT



Célula contaminada pelo coronavírus: 30% dos curados ainda apresentam sinais da doença

atendimento ambulatorial desenvolveram a síndrome. No total, 29,8% dos 1.038 incluídos no estudo tiveram sintomas persistentes, que se mantiveram por mais de 30 dias. Os mais comumente relatados foram fadiga (73,2%), seguida de falta de ar (63,6%), febre e calafrios (51,5%) e, por fim, dores musculares (50,6%).

Passados 60 dias da infecção, a fadiga foi o sintoma mais relatado (31,4%), seguida de falta de ar (13,9%) e perda de paladar ou olfato (9,8%). Febre persistente (1,9%) e erupção cutânea (<1%) foram raras. Ao comparar pacientes hospitalizados com os ambulatoriais, o cansaço crônico foi o sinal persistente mais comum em ambos os grupos. Entre os que ficaram internados, a falta de ar (15,4%) ficou em segundo lugar, de acordo com o

artigo, publicado na *Internal Journal of Emergency Medicine*.

Os fatores associados à síndrome pós-covid também foram diferentes entre pessoas tratadas no ambiente hospitalar versus ambulatorial. No segundo, os pacientes eram mais jovens, com maior probabilidade de serem brancos. Mulheres e indivíduos com seguro saúde eram a maioria. Já em relação aos internados, idade e etnia não se correlacionaram com a permanência de sintomas, embora o sexo feminino tenha sido, estatisticamente, mais afetado. De acordo com Yoo, o estudo destaca a necessidade de se considerar diversos fatores nas investigações sobre covid



longa, incluindo alguns que não foram incluídos nessa pesquisa em particular.

“O estudo ilustra a necessidade de se acompanhar longitudinalmente diversas populações de pacientes para entender a trajetória da covid longa e avaliar como fatores individuais, como comorbidades pré-existentes, fatores sociodemográficos, status de vacinação e tipo de variante do vírus, afetam o tipo e a persistência da covid longa”, diz. “Nosso estudo também levanta questões como: por que os pacientes com seguro privado tinham duas vezes mais chances de desenvolver covid longa? Como os sintomas

University of Surrey/Divulgação



Professora Deborah Dunn-Walters exalta eficácia da vacina

persistentes podem ser de natureza subjetiva, precisamos de melhores ferramentas para diagnosticar com precisão a síndrome. Finalmente, precisamos garantir o acesso equitativo aos cuidados ambulatoriais da covid longa.”

### Fardo

Deborah Dunn-Walters, professora de imunologia da Universidade de Surrey, no Reino Unido, concorda que são necessários mais estudos para caracterização da covid longa, incluindo o perfil dos pacientes mais suscetíveis. “Apesar das tentativas de caracterizar a síndrome, há uma diversidade de sintomas associados. Não compreendemos ainda todos os processos que estão por trás da covid longa”, diz. De acordo com a especialista,

acredita-se que o sistema imunológico desempenhe um papel no desenvolvimento da síndrome em um número significativo de casos, provavelmente como resultado de uma resposta imune super-reativa e/ou levemente mal tratada durante a infecção aguda.

Para ela, uma das formas mais eficazes de evitar a persistência dos sintomas, o que afeta não só o paciente, mas pode se tornar um fardo para os sistemas de saúde, é a vacinação. “Revisões de estudos têm mostrado que, pessoas vacinadas e que pegam covid são menos propensas a desenvolver a forma longa se tiverem recebido uma ou duas doses do imunizante, em comparação com indivíduos não vacinados. A melhor forma de evitar os sintomas pós-covid é se vacinar.”

Justin Kelley/MU Health Care/Divulgação



Área de tratamento de covid-19 na Universidade de Missouri

## Pneumonia por Sars-CoV-2 associada a demência

Um novo estudo da Escola de Medicina da Universidade de Missouri, nos Estados Unidos, mostra que pacientes hospitalizados com pneumonia causada pelo Sars-CoV-2 têm maior risco de desenvolver demência do que aqueles com outros tipos de infecção pulmonar. Os cientistas extrairam dados de um banco contendo 1,4 bilhão de registros médicos, o Cerner Real World Data. Para a pesquisa, foram selecionadas informações referentes a hospitalizados com a inflamação nos pulmões

persistente por mais de 24 horas.

Entre os 10.403 pacientes com pneumonia associada à covid, 312 (3%) apresentaram demência de início recente logo depois da recuperação, em comparação com 263 (2,5%) dos demais 10.403 com outros tipos de inflamação nos pulmões, também diagnosticados com o problema cognitivo. Esse risco mostrou-se maior em pessoas acima de 70 anos, disse o principal autor, Adnan I. Qureshi, professor de neurologia clínica. “O tipo de demência observado

em sobreviventes da infecção por covid afeta principalmente a memória, a capacidade de realizar tarefas cotidianas e a autorregulação. A linguagem e a consciência do tempo e da localização permaneceram relativamente preservadas”, afirmou, em uma nota à imprensa.

O intervalo de tempo médio entre a infecção e o diagnóstico de demência foi de 182 dias para pacientes com covid-19. Qureshi disse que um estudo mais aprofundado e com acompanhamento por

mais tempo poderá fornecer um quadro mais completo, ajudando a determinar os mecanismos pelos quais a pneumonia decorrente do Sars-CoV-2 pode afetar, a esse ponto, a cognição. “As descobertas sugerem a necessidade de uma triagem de déficits cognitivos entre os sobreviventes”, disse. “Se houver evidência de comprometimento durante a triagem e se o paciente continuar a relatar sintomas cognitivos, pode ser necessário um encaminhamento para uma avaliação mais abrangente.” (PO)

### ASTRONOMIA

## Vida possível em satélite de Júpiter

O satélite Europa, de Júpiter, é o principal candidato à vida extraterrestre em nosso sistema solar, e seu oceano profundo de água salgada tem cativado os cientistas há décadas. Mas esse complexo é abrangido por uma “concha” de gelo, que pode ter quilômetros a dezenas de quilômetros de espessura, tornando a amostragem do material desafiadora. Agora, evidências crescentes revelam que a superfície congelada pode ser uma barreira menos complexa, e um local de habitabilidade potencial, por si só.

Europa é um dos locais mais propícios para procurar vida alienígena porque os cientistas detectaram sinais de oxigênio e água, além de substâncias que podem servir como nutrientes. No entanto, a camada de gelo da lua — que se estima ter cerca de 24km de espessura — serve como uma barreira entre o líquido e o

elemento químico, que é gerado pela interação da luz solar com partículas carregadas que atingem a superfície gelada.

Agora, uma equipe liderada pela Universidade do Texas (UT), em Austin, afirma que a água salgada dentro da concha gelada de Europa pode estar transportando oxigênio para um oceano líquido, onde a vida alienígena seria possível. A teoria foi proposta por outros cientistas, mas apenas recentemente os pesquisadores a testaram, construindo a primeira simulação computacional do processo, na qual o oxigênio pega carona sob os “terrenos do caos” da lua de Júpiter — paisagens compostas de rachaduras, cumes e blocos congelados.

### Transporte

Os resultados mostram que não apenas o transporte é possível, mas

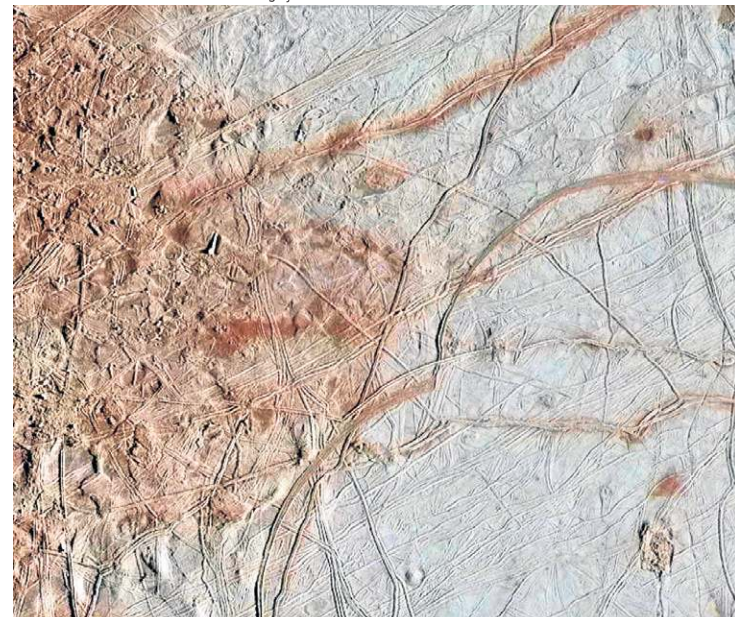
que a quantidade de oxigênio leva para o oceano de Europa pode estar no mesmo nível da existente nos oceanos da Terra, hoje. “Nossa pesquisa coloca esse processo no reino do possível”, disse o pesquisador principal, Marc Hesse, professor do Departamento de Ciências Geológicas da UT. “O modelo fornece uma solução para o que é considerado um dos problemas pendentes da habitabilidade do oceano subterrâneo de Europa.” O estudo foi publicado na revista *Geophysical Research Letters*.

Se a vida como a conhecemos existe nesse oceano, precisa haver uma maneira de o oxigênio chegar até ela. De acordo com Hesse, o cenário mais plausível — com base nas evidências disponíveis — é que o oxigênio seja transportado pela água salgada, ou salmoura. Os cientistas pensam que terrenos

caóticos se formam acima de regiões onde a camada de gelo de Europa derrete parcialmente para formar a salmoura, que pode se misturar com o oxigênio da superfície. O modelo computacional criado mostrou que isso é possível.

Segundo o coautor Steven Vance, pesquisador do Laboratório de Propulsão a Jato da Agência Espacial Norte-Americana, o resultado do trabalho aumenta a esperança sobre o potencial do oxigênio para sustentar a vida no mar escondido do satélite de Júpiter. “É tentador pensar em algum tipo de organismo aeróbico vivendo logo abaixo do gelo”, disse ele. Segundo Vance, a próxima missão Europa Clipper da Nasa, agendada para 2024, pode ajudar a melhorar as estimativas da presença deste elemento químico e de outros ingredientes para a vida na lua gelada. (PO)

NASA/JPL-Caltech/SETI Institute/Divulgação



No “terreno do caos” de Europa, oxigênio nos níveis da Terra